

Boletim Semanal 44/2024 – 31 de outubro de 2024

SOJA e MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

De modo geral, tanto a safra de milho como de soja evoluem tranquilamente, tendo condições de clima favoráveis tanto para o plantio como para o desenvolvimento das lavouras já plantadas. O plantio do milho encontra-se praticamente finalizado e o plantio da soja já superou 74% da área estimada. Hoje o plantio concentra-se nas regiões Sul e Norte, que tradicionalmente plantam mais tarde. As regiões Oeste e Centro-Oeste têm o plantio praticamente finalizado.

A safra de soja neste ciclo teve uma mudança no zoneamento agrícola, que é o período preconizado como ideal para o plantio. Até a safra passada o plantio em todo estado tinha início a partir do segundo decêndio de setembro. Nesta safra houve uma regionalização, e algumas regiões já puderam plantar a partir do início do mês de setembro e outras começaram a partir de 20 de setembro, como é o caso da região Sul.

MANDIOCA

**Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

A remuneração por tonelada de mandioca produzida no Paraná continua em alta. Os valores ultrapassaram os 600 reais

ao longo de outubro, sendo cotados atualmente a R\$ 647,19, conforme cotação do dia 30/10. Esta melhora na remuneração, faz com que os preços superem a remuneração média de outubro de 2023 (R\$ 587,26) e acumulem uma alta importante desde abril de 2024, quando a tonelada era cotada a R\$ 433,40 e não cobria sequer os custos operacionais da cultura.

Esta valorização financeira animou os mandiocultores. Também é comemorada a campo a volta das chuvas. Os volumes acumulados de precipitações facilitaram o trabalho de colheita das raízes e criaram boas condições para o plantio de manivas. Antes das precipitações havia preocupação com a germinação, inclusive com algumas áreas precisando ser replantadas. Atualmente a situação está normalizada.

Os trabalhos de colheita seguem em bom ritmo e superam 83% da área, com produtividades médias superiores a 26 toneladas, devendo totalizar 3,68 milhões de toneladas ao final da colheita no Paraná. Se confirmados, os números superarão em 3% a produção de 3,57 milhões de toneladas obtida em 2023. Cabe destacar que esse aumento acontece em um ano majoritariamente seco, especialmente na

Boletim Semanal 44/2024 – 31 de outubro de 2024

região produtora, e sem aumento na área colhida, estimada em 140 mil hectares.

Para 2025, a expectativa é de aumento de área da cultura, devendo ser colhidos no próximo ano uma extensão de 148 mil hectares. Somado a ganhos de produtividade, pode se obter uma produção superior a 4 milhões de toneladas. Este volume depende não só das condições de tempo para se confirmar, como também de aspectos mercadológicos. A possibilidade de “armazenar” a produção a campo pode trazer oscilações na área a ser colhida em 2025, com parte das áreas sendo deixadas para 2026.

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

Conforme dados do Agrostat/MAPA, em setembro de 2024 o estado do Paraná registrou o melhor desempenho mensal de sua história em exportações de carne suína, desde o início da série histórica em 1997. Foram exportadas cerca de 18,6 mil toneladas, que geraram receita de aproximadamente 47,7 milhões de dólares. Em comparação ao mesmo mês do ano anterior, houve um aumento de 9% em volume (1,5 mil t) e de 25% em receita (US\$ 9,2 milhões).

Neste contexto, destacaram-se dois países que passaram a adquirir grandes volumes de carne suína do Paraná em 2024 e que figuraram entre os dez principais parceiros comerciais em setembro: as Filipinas, que ocuparam a 5ª posição do ranking com 10% do total exportado (1,9 mil t), e a República Dominicana, na 7ª posição, com uma participação de 3% (490 t).

Além disso, no mesmo mês o Vietnã foi pela primeira vez na história o principal comprador de carne suína do Paraná, com a aquisição de 3,3 mil toneladas, correspondente a 18% do total exportado. Hong Kong, que foi o principal destino em setembro de 2023, ocupou a segunda posição em setembro de 2024, reduzindo suas compras em 49% (equivalente a 2,7 mil t). Por sua vez, o Vietnã, que era o terceiro colocado no ano anterior, registrou um aumento significativo de 40% (ou 927 t).

Completaram o ranking dos dez principais destinos da carne suína paranaense: Uruguai (3º), Singapura (4º), Argentina (6º), Angola (8º), Geórgia (9º) e Libéria (10º), que também estavam entre os principais compradores em setembro de 2023.

Esses dados evidenciam a constante busca por novas oportunidades de mercado para a carne suína paranaense, bem como

a confiança de determinados importadores na manutenção e ampliação das relações comerciais.

BOVINOS

** Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Com a desvalorização do real, as exportações recorde e a oferta limitada de animais no mercado interno, que impulsionam os preços, outubro registrou fortes altas nos principais cortes bovinos nos mercados paranaenses. Com exceção da carne moída de primeira e da paleta com osso, todos os cortes pesquisados pelo Deral apresentaram altas expressivas. O acém (+11,1%), a alcatra (+6%), o contrafilé com osso (+10%) e o coxão mole (+8,3%), que estão entre os cortes mais consumidos, registraram os maiores incrementos no preço.

Como os preços ainda devem se manter em patamares altos no médio prazo, esses produtos podem perder espaço na mesa do consumidor, que deve se voltar para proteínas mais baratas, como a carne suína e de frango, restringindo o consumo de carne vermelha e limitando o consumo de cortes nobres (como a picanha e o filé mignon) a datas comemorativas ou ocasiões especiais.

FRANGOS

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Nos nove meses de 2024 a exportação brasileira de carne de frango caiu 0,7% em volume e 3,9% em faturamento. Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, considerando os três trimestres de 2024, as exportações brasileiras de carne de frango diminuíram 3,9% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 7,144 bilhões, em relação ao valor acumulado de 2023 (US\$ 7,437 bilhões). Entretanto, em termos de quantidade exportada houve uma retração de 0,7% (2024: 3.819.889 toneladas e 2023: 3.793.776 toneladas).

No período analisado, o país exportou 96,3% de carne de frango na forma “in natura” - inteiros e cortes, e apenas 3,7% na forma de industrializados (92.296 toneladas). Observou-se uma retração de 0,8% no volume de carne de frango “in natura” exportada: 2024 (3.676.827 toneladas) e 2023 (3.764.677 toneladas). Do lado do faturamento do produto “in natura”, houve uma queda de 5,4% no acumulado dos nove meses do ano em curso (2024: US\$ 6,765 bilhões e 2023: US\$ 7,147 bilhões). O menor faturamento foi

Boletim Semanal 44/2024 – 31 de outubro de 2024

resultado de menos volume exportado (-0,8%) e queda de 4,6% no preço médio da carne de frango “in natura” exportada (2024: US\$ 1.839,81/tonelada e 2023: US\$ 1.928,36/tonelada).

Os principais destinos da carne de frango brasileiro em 2024 (jan. a set.) foram (volume / faturamento): 1º - China (408.344 toneladas e US\$ 921,531 milhões), 2º - Emirados Árabes Unidos (359.448 toneladas e US\$ 744,173 milhões), 3º - Japão (337.069 toneladas e US\$ 652,513 milhões), 4º - Arábia Saudita (289.235 toneladas e US\$ 628,037 milhões), e 5º – África do Sul (252.529 toneladas e US\$ 140,006 milhões). O desempenho dos cinco principais países importadores, foram (toneladas): China (-25,9%); Emirados Árabes (+9,3%), Japão (+8,3%), Arábia Saudita (+5,3%), e África do Sul (-3,4%).

No Paraná ocorreu o contrário, alta tanto no volume exportado total (+1,4%), como no faturamento (+1,6%). Nos nove meses os números foram: 2024 (volume: 1.619.940 toneladas / faturamento: US\$ 2,959 bilhões) e 2023 (volume: 1.597.516 toneladas / faturamento: US\$ 2,913 bilhões).

Para a carne de frango “in natura” paranaense (96,7% do total exportado), observa-se uma queda no preço médio

exportado, da ordem de 0,1% (2024: US\$ 1.792,17/tonelada e 2023: US\$ 1.794,42/tonelada).

O Paraná (1º produtor e 1º exportador), nos nove meses de 2024 continua destacando-se no contexto nacional, com participação de 42,4% do volume exportado pelo Brasil e com 41,4% da receita cambial (US\$).

MEL

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo Agrostat Brasil, nos três trimestres de 2024 as empresas nacionais exportaram 27.812 toneladas de mel “in natura”, volume 32,1% maior do que aquele obtido em igual período de 2023 (21.055 toneladas). O faturamento em dólares foi de US\$ 71,784 milhões, 8,6% maior que em igual período de 2023 (US\$ 66,107 milhões). Olhando-se o preço médio nacional do mel observa-se que o valor foi de US\$ 2.581,05 tonelada (US\$ 2,58Kg), 17,8% menor que o valor médio de igual período de 2023 (US\$ 3.139,73/tonelada (US\$ 3,14/Kg)).

O estado do Paraná, no acumulado dos três trimestres do ano corrente, ocupou a quarta posição no ranking da exportação de mel natural (receita cambial: US\$ 6,380 milhões, volume: 2.518 toneladas e preço

Boletim Semanal 44/2024 – 31 de outubro de 2024

médio: US\$ 2,53/kg). No ano anterior, em igual período foi exportado 1.595 toneladas, faturando-se US\$ 4,519 milhões, a um preço médio de US\$ 3,03/kg.

Em primeiro lugar desponta o estado do Piauí (US\$ 22,378 milhões, 8.944 toneladas e preço médio: US\$ 2,53/kg), sendo que no ano anterior exportou: 8.482 toneladas, faturou US\$ 27,017 milhões e teve preço médio de US\$ 3,19/kg. Na segunda colocação vem Minas Gerais (US\$ 13,606 milhões, 5.067 toneladas e preço médio: US\$ 2,69/kg). No ano anterior exportou: 3.460 toneladas, faturou US\$ 10,762 milhões e teve preço médio de US\$ 3,11/kg. Em terceiro lugar vem o estado de Santa Catarina (US\$ 8,660 milhões, 3.401 toneladas e preço médio: US\$ 2,55/kg). No ano anterior exportou: 2.057 toneladas, faturou US\$ 6,375 milhões e teve preço médio de US\$ 3,10/kg. Os demais principais exportadores de mel são: São Paulo, com US\$ 6,349 milhões em receita e 2.335 toneladas; Bahia, com US\$ 5,507 milhões em receita e 2.136 toneladas; e o Ceará, com US\$ 3,836 milhões em receita e 1.351 toneladas.

O principal destino para o mel brasileiro exportado nos nove meses de 2024 (79,2% de todo volume exportado: 27.812 toneladas) continuou sendo os

Estados Unidos da América (EUA): volume de 22.107 toneladas, receita cambial de US\$ 56,518 milhões e preço médio de US\$ 2,56/kg. No ano anterior importou: 16.544 toneladas, gastou US\$ 51,464 milhões e pagou um preço médio de US\$ 3,11/kg.

Junto com os EUA, outros principais países importadores do mel brasileiro incluem o Canadá, com US\$ 7,719 milhões em receita e 2.898 toneladas importadas; a Alemanha, com US\$ 4,040 milhões em receita e 1.526 toneladas importadas; o Reino Unido, com US\$ 2,293 milhões em receita e 918 toneladas importadas; e Austrália, com US\$ 379.786 em receita e 161 toneladas importadas. E além destes ainda importam mel do Brasil: a Bélgica, com US\$ 183.865 em receita e 53,6 toneladas importadas, a Dinamarca, com US\$ 97.289 em receita e 40 toneladas importadas; o Japão, com US\$ 137.460 em receita e 21 toneladas importadas; a Suíça, com US\$ 53.327 em receita e 20 toneladas importadas; Israel, com US\$ 56.232 em receita e 19,8 toneladas importadas.; e a China, com US\$ 131.037 em receita e 16,5 toneladas importadas.